



CANTATE · DOMINO
CANTICVM · NOVVM

SOCIEDADE
CORAL DE
L I S B O A

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

DIRECÇÃO. — *Presidente* D. Elta de Sousa Pedroso, *Vice Presidente* Sr. João Silva Santos, *Secretários* D. Consuelo Fernandez de Freitas e Raúl Santos, *Tesoureiro* Alvaro António da Silva, *Vogais* D. Laura Wake Marques, D. Ana Bierman de Brito Aranha, César Viana, *Director Artístico* Maestro Frederico de Freitas.

Foi no Ano Aureo de 1940 que a Sociedade Coral de Lisboa se apresentou ao público, interpretando, por incumbência da Comissão Executiva das Festas do Duplo Centenário, no Acto Solene de Sagres, a Missa Solene de Frederico de Freitas, depois repetida na Festa Missionária realizada na Secção Colonial na Exposição do Mundo Português.

Nos serões Medieval e Manuelino, realizados em espectáculos de gala no Teatro D. Maria II, foram ainda elementos da Sociedade Coral de Lisboa que interpretaram a parte vocal dos respectivos programas.

A Sociedade Coral de Lisboa foi fundada pelo Maestro Frederico de Freitas. Os trabalhos preliminares de organização devem-se a ele e a uma comissão composta pelas Ex.ªs Sr.ªs D. Elta de Sousa Pedroso, D. Laura Wake Marques, D. Ana Bierman de Brito Aranha e D. Consuelo Fernandez de Freitas. Em 1941, no Teatro Nacional de S. Carlos, apresentou-se a Sociedade Coral de Lisboa pela primeira vez, oficialmente, em três concertos, com a Magnificat de J. S. Bach e a Missa Solene de Frederico de Freitas.

Desde então a Sociedade Coral de Lisboa, dirigida artisticamente pelo maestro Frederico de Freitas, apresentou, em Lisboa e no Porto, em primeira audição integral o «Elias» de Mendelssohn, o «Stabat Mater» de Pergolesi, «O Dilúvio» de Saint-Saëns, fragmentos da «Oratória do Natal» de Bach, o «Messias» de Handel, e «Adeste Fidelis», atribuído a D. João IV, harmonizado por Frederico de Freitas.

É justo assinar, nesta pequena resenha em que sucintamente se foca a vida da Sociedade Coral de Lisboa, o apoio que desde o início tem recebido da Emissora Nacional.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

23 DE MARÇO DE 1942, ÀS 21,30 HORAS

12.º CONCERTO

DA

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

PROGRAMA

1.ª PARTE

PROMETHEUS (*Abertusa*) op. 43 BEETHOVEN

CONCERTO EM RÉ op. 61 (*Violino e orquestra*) BEETHOVEN

- a) Allegro ma non troppo
- b) Larghetto
- c) Rondó

SOLISTA:

SILVA PEREIRA

2.ª PARTE

NONA SINFONIA (*op. 125 em ré menor*) BEETHOVEN

com cântico final sobre a ode à Alegria de Schiller

- a) Allegro ma non troppo, un poco maestoso
- b) Molto vivace
- c) Adagio molto e cantabile
- d) Final

SOLISTAS:

JULIETA SILVA SANTOS
DR. LOUREIRO DINIZ

FERNANDA COELHO
JOSE EURICO LISBOA

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL sob a direcção do Maestro
FREDERICO DE FREITAS

Ensaíador de coros PROF. JAIME DA SILVA

IX SINFONIA DE BEETHOVEN

Agora, não mais tais cantos!
Outros mais suaves cantemos, Amigos,
e cheios de alegria! (Beethoven)

DA ODE «À ALEGRIA»
de Frederico SCHILLER

Beia, oh! divina flama,
Filha do Elysium, sem par,
Nós entramos, de alma em chama,
Alegria, em teu altar!

Teus encantos harmonizam
Quanto a Vida separou!
En que os homens fraternizam
Onde piores, em teu vão!

A quem a sorte faguetiza,
Deu nam amigo um tesouro,
Quem tem doce companheira
Venha unir-se neste coro!

E, mais, sóbe a terra quem
Sua outra alma chamar!
Quem o não poder, porém,
Fuja de nós, a chorar...

Alegria os seres bebem
Dos seios da Natureza;
Bons e maus todos proseguem
Em sua senda de beleza!

Beijos nos deus; na videira,
Um amigo até ao fim;
Volúpia, à larva rasteira;
No céu, glória ao querubim!

Lados, como os astros citem
Fla celeste imensidade,
Ide, irmãos, na vossa marcha,
Como o herói à vitória.

Abraga-vos, milhões de almas!
Dai um beijo ao mundo inteiro!
Para lá do firmamento,
Deve, irmãos, haver um Pai!

Protestem-vos, milhões de almas!
«O Criador presentes, Mundo?»
Busca-o p'rá além das estrelas!
P'ra além das estrelas mora!

(Versão portuguesa de Dr. FRANCISCO
FERNANDES LOPES)

O Freunde, nicht diese Töne! sondern laßt
uns angenehmer anstimmen und freud-
voller (Beethoven.)

«AN DIE FREUDE»
Friederich SCHILLER

Freude! Freude!
Freude, schöner Götterfunken,
Tochter aus Elysium,
Wir betreten feuertrunken,
Himmelsche, dein Heiligtum!
Deine Zauber binden wieder,
Was die Mode streng geteilt;
Alle Menschen werden Brüder,
Du dein sanfter Flügel weilt.

Wen der gütige Wurf gelangen,
Eines Freundes Freund zu sein,
Wer ein holdes Weib errungen,
Müde seinen Jubel ein!
Ja — wer auch auf eine Seele
Sein nennst auf dem Erdenrund!
Und wer's nie gekannt, der stehle
Weinend sich aus diesem Bund!

Freud triken alle Wesen
An den Brüsten der Natur;
Alle Guten, alle Bösen
Folgen ihrer Rosenpur,
Küsse gab sie uns und Reben,
Einen Freund, geprüft im Tod;
Wollust ward dem Wurm gegeben,
Und der Cherub steht vor Gott.

Frei, wie seine Sonnen fliegen
Durch des Himmels prächt'gen Plan,
Wandelt, Brüder, eure Bahn,
Freudig, wie ein Held zum Siegen.

Seid umschlungen, Millionen!
Diesen Kuss der ganzen Welt!
Brüder — überm Sternensatz!
Muss ein lieber Vater wohnen.

Ihr stürzt nieder, Millionen?
Ahnest du den Schöpfer, Welt?
Such' ihn überm Sternensatz!
Über Sternen muss er wohnen.

NOTAS SOBRE O PROGRAMA

PELO

DR. D. JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

LUDWIG VAN BEETHOVEN

(1770-1827)

AS CREATURAS DE PROMETEU (Op. 43)

ABERTURA

O bailado heróico e alegórico *Die Geschöpfe des Prometheus* («As Caturas de Prometeu») foi apresentado pela primeira vez em Viena em 26 de Março de 1801. O autor do argumento do bailado foi o coreógrafo Salvatore Viganò (1769-1821), sobrinho de Boccherini e discípulo de Dauberval por quem recolheu as lições do célebre J. G. Noverre. Beethoven parece ter tido algum interesse por Viganò pois que trabalhou duas variações para piano sobre o «minuete de Viganò do bailado «*Le sucre d'orbans*». Na história do bailado a importância de Viganò é grande pois a este coreógrafo se devem grandes esforços para que os corpos de baile se não limitassem a uma função do fundo geométricamente simétrico mas trocassem para a concepção actual de coreógrafos assimétricos da acção bailada. Se o bailado de Beethoven — sua única tentativa do género — não teve na primeira apresentação grande êxito tendo a sua música sido considerada pelos «conhecedores» (?) «*rebatizada e por vezes insufficientemente expressiva*», a sua repositição poucos anos depois no Scala de Milão (1813) foi um grande sucesso e a existência — entre outras transcrições — de um arranjo para piano a quatro mãos do *Prometeu* feito para a família Kobler, que Lentz considera os Tagliani do tempo, prova que os dançarinos da época apreciaram a música de bailado do Mestre.

Quanto ao conteúdo musical *Prometeu* tem no motivo do seu final — *Triunfo de Prometeu* — um dos temas que Beethoven empregaria no final da *Sinfonia*, como tema das *Variações* Op. 35 e *formaria* a sétima das *12 Concertos*. A *tempestade da Pastoral* está esboçada na introdução que se segue à *abertura de Prometeu* e o tom de dô maior em que está escrita a *abertura* parece ter sido sentido por Beethoven como exprimindo a alegria e a solenidade (I *Sinfonia*, *Tejlo Concerto*, *Final da V Sinfonia*, *Abertura*, Op. 115 e 124).

CONCERTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA (Op. 61)

O *Concerto* para violino e orquestra em ré maior data dum dos mais fecundos períodos da actividade de Beethoven. Escrito em 1806 e estreado nesse mesmo ano em Viena tendo como solista o violinista Klement que interpretou a sua parte à primeira vista (o mesmo sucederia a Bridgewater na primeira audição da *Suite o Kreutzer!*); esta obra prima tende psicologicamente

ainda a uma confiança alegre, ideal que através de todas as lutas expressas na música de Beethoven seria uma invariante da sua forma heroica — trágica — de encarar a vida e dignificar a condição de homem que constitui o futuro. Esta atitude corresponde como o demonstrou Jean Boyer a uma fusão das ideias da *Aufklärung*, da *Sturm und Drang* e do classicismo e não ao ideal tipicamente romântico onde o herói é mais passivo enquanto que o herói beethoveniano é sempre activo embora umas vezes pessoal outras colectivo. Sendo inevitável a influência das ideias da Revolução Francesa em Beethoven é certo que supôs — embora reconhecendo mais tarde o seu erro — que Napoleão poderia vir a ser o seu fundador admitindo assim a legitimidade dum super-homem ou herói individual, mas o seu pensamento social último é mesmo alicerçado nos factos históricos reais de que foi contemporâneo e filia-se no idealismo setecentista da sociedade internacional de homens de boa-vontade capazes de vencer as provações da vida. Por esse lado o seu conceito de provação (é ainda Jean Boyer que aponta a analogia) aproxima-se da ideia murgânica de provação que Mozart començou na *Flauta Mágica*.

Fugindo à análise técnica desta obra monumental, visto que os capazes de a entenderem a conhecem, notemos o motivo inicial rítmico (cinco 8.ªs em semínimas, repetidos pelo timbale) que se pode aproximar das notas repetidas da *Appassionata* e ainda do célebre motivo da *1.ª Sinfonia* «Como a sorte bate à porta». Através deste *Concerto* outras vezes se notam as cinco notas características. Depois da exposição orquestral o solista rompe numa passagem em oitavas que conduz à exposição do primeiro tema desenvolvendo-se por forma análoga à exposição orquestral mais ornamentada expondo-se seguidamente o segundo tema transposto. Uma ideia já exposta na orquestra é agora repetida pelo solista voltando-se ao primeiro motivo e à insólita no tema rítmico inicial. A cadência que será hoje executada deve-se ao eminente violinista Fritz Kreisler que em nada atraiça o comentário pedido por Beethoven às suas ideias musicais. O segundo movimento é um conjunto de variações. Depois dum lembrar do primeiro motivo pelas trompas ouvem-se um fortíssimo e que se segue uma curta cadência interrompendo o tema principal do *segundo* final. Neste andamento nota-se o trabalho das trompas e o tchudi confiado ao fagote. Depois de nova cadência o concerto tem um fecho brilhantíssimo encerrado abruptamente por uma quasi que gargalhada que cove este extraordinário entusiástico rítmico.

Este concerto foi transcrito por Beethoven para piano e orquestra mas, à parte o interesse notável das cadências que usam o tema rítmico que abre esta obra, a versão de piano não pode de forma alguma ser posta em confronto com a versão original.

IX SINFONIA EM RE MENOR (Op. 125)

A Sinfonia com cântico final sobre a ode de Schiller *Das Lied von dem Feinde* para quarteto solista, cântico a quatro vozes e grande orquestra é o mais profunda expressão do amor de Beethoven pela humanidade como a *Missa Solemne* representara a sua maior humanagem à Divindade exprimindo os seus sentimentos religiosos de católico embora não praticante.

A orquestra de Beethoven que progressivamente se fêra enriquecendo, apresenta pela primeira vez na IX Sinfonia o flautim, o contra-fagote, quatro trompas (duas em stúas as outras sinfonias e três na Terceira), os pratos, o triângulo e o bumbo além da contribuição coral que aliás ensaiara na *Pastoral* para piano, orquestra e cântico.

Beethoven hesitara longamente sobre a utilização da voz nesta sinfonia que encontrou em Wagner um genial comentador literário-musical, que visionava na IX Sinfonia a obra precursora do seu drama musical, síntese de todas as artes.

Beethoven perseguido por todos os seus males físicos e morais, completamente surdo, atormentado por desgostos de família e sempre pobre, vai então a *Além* em formas duma insperada que até nos nossos dias chocarão o conservantismo musical dos *clássicos* que com *muita facilidade* descobrem erros de construção numa fuga de Bach.

Ao compilar estas linhas é-lhe impossível fazer aqui um comentário literário ou musical que traga a mínima novidade. A própria sublimidade da obra disso, o impede pelo respeito devido ao génio.

Deve notar-se que Beethoven apenas utilizou parte da ode *A Alegria* de Schiller. As palavras com que o barítono abre a contribuição vocal não pertencem ao poema de Schiller e devem atribuir-se a Beethoven.

Éis uma análise muito sumária que servirá apenas para pontos de referência para os meus conhecedores tal como se pode ler em qualquer livro elementar.

Allegro ma non troppo, su ferro marcato. Carta introdução seguindo-se a exposição pelas cordas do primeiro tema. O segundo tema é exposto pela flauta (ton de fá) seguindo-se um desenvolvimento (concluindo a 4.ª medida) e imediatamente a peroração com bateria.

Molto vivace. Presto (Scherzo). O andamento começa a tornar-se muito vivo. Os fagotes estabelecem um ritmo seguido pelas madeiras cada vez mais leves, cortado pelas pancadas dos timbales. Duas trompas cantam um tema largo de carácter popular procedido pelas escalas dos fagotes que circulam através de toda a massa sonora.

Adagio molto e cantabile. Andante moderato. As cordas cantam com paixão, bem como as flautas e o quarteto de trompas (em uníssono), pianíssimo, contrasta com as chamadas do clarim.

Presto. Allegro vital vivace alla marcia. Andante maestoso. Adagio ma non troppo ma devoto. Allegro energico sempre ben marcato. Allegro ma non tanto. Poco adagio. Prestissimo-maestoso-pressurissimo. Preferimos dar todas estas indicações de andamentos a resumir a indicação do movimento por nos parecer assim mais fácil a referência para o auditor menos treinado. Os metais preludiam com os violoncelos e contrabaixos que pela primeira vez entoam o tema da ode *A Alegria*. As violas retomam o tema com um contraponto de fagote a solo. Depois dum largo momento no registo grave trompem os primeiros violinos e elementos dos metais. O barítono solista canta *Agora são nós, não camos...* O solista alterna com o cântico dos baixos. O barítono começa o texto de Schiller e iniciase a colaboração do quarteto solista a que breve se vem juntar o cântico. Novamente o quarteto solista e nova intervenção do cântico conduzem até ao movimento de marcha em que o tenor solista inicia a vitória pela alegria. A sua voz responde o cântico com vozes desdobradas. Até aqui o movimento tem sido uma variação sobre o mesmo tema (variação amplificadora). Com o andante magnoto surge um novo tema: *Milhares de almas... Para além das estrelas mora um Pai... Abençoai-vos.* No adágio (madeiras e violas, três trombones) o cântico murmura *Para além das estrelas deve ter sido morar um Pai* repetindo esta frase sobre um trémolo das cordas. Uma dupla fuga reúne os dois motivos. Nas palavras *Preterebat-vos*, volta-se ao tema do andante magnoto. No *allegro ma non tanto* o quarteto solista tem a maior responsabilidade. O soprano sobe até ao si natural num canto doce indescritível. O *prestissimo* acaba num *mostrato* para a colaboração do cântico com as habilitadas dificuldades da escrita coral de Beethoven. *A Sinfonia termina*, de novo, em *prestissimo*.

Ides ouvir a obra que nos recusamos comentar. E nós nos orgulhamos de pertencer à mesma raça de homens que o mito de Prometeu simbolizou e Beethoven personalizou na Música.

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

ÁFRICA CABRAL
ALICE DA LUZ E SILVA DE FREITAS
ALICE MENDES MAGALHÃES
ALICE REBÉLO
ANS BIERMAN DE BRITO ARANHA
BEATRIZ VIZEU PINHEIRO SANTOS
BERTHA BLANC DE PORTUGAL
BERTHA BORGES
BERTHA CASTELO BRANCO CARDOSO
CONSUELO FERNANDEZ DE FREITAS
ELVIRA MANUELA FERNANDEZ DE
FREITAS
EMA BRESOLIN
EMA DINIZ GONÇALVES
EMÍLIA VILAR
FERNANDA COELHO
FILOMENA AREZ FERNANDEZ CABRERA
GUIDA SANCHES DE MIRANDA
HELENA LANGLADE
ILDA LUZ
ISABEL PÉGO BERGESTRÖM
ISABEL REBELO
JÚLIA MALHADO
JÚLIA PASSALAQUA
JULIETA BOAVIDA SILVA SANTOS
LAURA CORDEIRO
LIA STELLA
MARTHA THOMAS
MARIA BLANC DE PORTUGAL
MARIA CARLOTA ANDRADE
MARIA CAVALHEIRO ASCENSO
MARIA CECÍLIA CONSTANT. RIBEIRO
DA SILVA E SOUSA
MARIA CLEMENTINA RUELLA
MARIA ESTRELA MONTEIRO
MARIA GERMANA MEDEIROS
MARIA HELENA RODRIGUES COSTA
MARIA HELENA SIMÕES PEREIRA
MARIA HELENA SOARES DE ANDRADE
MARIA ILÍDIA VALENTE
MARIA JUSTINA PEREIRA
MARIA LEONOR SANTIAGO BATISTA
COELHO
MARIA LINA OLIVEIRA PEREIRA
MARIA LUCINDA CARDOSO
MARIA LUIZA VIEIRA LISBOA
MARIA DA LUZ WASA DE ANDRADE
MARIA PAIS MOREIRA
MARIA ROSA PIMENTEL SOARES
MARIA VALENTINA FERNANDES DIAS
MARIE CLAIR LANGLADE
MINERVINA LOPES
NATÁLIA FERREIRA
OLGA VIOLANTE
RACHEL DE MOURA DINIZ
SARAH RAMALHETE
SUZETTE GUEDES FREIRE
VIOLANTE MONTANHA
ZITA VALADARES

ALBERTO MATOS RODRIGUES
ALTINO MANUEL BAPTISTA DE ABREU
ÁLVARO ANTÓNIO DA SILVA
AMADEU DE SOUSA BORGES
ANTÓNIO JÚLIO DA SILVA NEVES DE
MATOS
ANTÓNIO DE MATOS
ANTÓNIO PAIS MOREIRA
ANTÓNIO PACHECO
ARTUR NEVES
BERNARDINO DA ROCHA PEREIRA
CARLOS CHARRIE PINTO MOURÃO
CARLOS JOSÉ RODRIGUES
CARLOS PEDREIRA DE BRITO
CARLOS TEDESCHI DE AZEVEDO
CÉSAR VIANA
EDUARDE FREIRE
FERNANDO DE ALMEIDA
FERNANDO PEREIRA
FRANCISCO JOSÉ GOUVEIA PEDRO
DR. FRANCISCO LOUREIRO DINIZ
GASPAR BASTOS COELHO
HELDER SUCENA CHAVES
JAIME DA SILVA
JOÃO CARLOS TEIXEIRA
JOÃO PINTO BASTO DE SOUSA
DR. JOÃO SILVA SANTOS
JOAQUIM REGO MARÇAL
JORGE AGUIAR COSTA
JORGE JOSÉ DE MEDEIROS
D. JOSÉ BLANC DE PORTUGAL
JOSÉ ALVES PACHECO
JOSÉ CONDEIXA
JOSÉ ESCARDUÇA DIAS
JOSÉ FREIXO BOAVIDA
JOSÉ JOAQUIM RIBEIRO
JOSÉ M. DE BRITO MACEDO
JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS
JOSÉ TEIXEIRA LOPES
LUIZ MORAIS SANTOS
MANUEL GONZAGA
MANUEL DO VALE COSTA
MARCIANO MENDONÇA
MÁRIO SIMÕES
NUNO TÓRRES COLAÇO
ORLANDO CAREPA
PEDRO FERNANDEZ CABRERA
RAFAEL FERREIRA
RAÚL SANTOS
RUI ALBERTO
RUI DE CASTRO GUEDES SEIXAS
SALVADOR COSTA
SEBASTIÃO CARDOSO